

XII. Inclusão/exclusão digital

Em termos numéricos, num país como o Brasil, o sinal da equação é **de menos** para a inclusão e, conseqüentemente, **de mais** para a exclusão digital. Quer dizer, num país que não é nem rico nem pobre, segundo analistas econômicos, mas em desenvolvimento ou emergente, há uma grande defasagem ou diferença entre os que estão incluídos e os que estão excluídos do uso da tecnologia digital, das tecnologias da informação.

O **FATO** é que, proporcionalmente, há uma relação bastante nítida entre economia e tecnologia. A posse para uso cotidiano e à vontade de tecnologias de ponta, de última geração, é tanto maior junto às pessoas e classes sociais economicamente favorecidas. Isto vale, no caso das tecnologias digitais da informação, para computadores e telefones celulares, em qualquer lugar onde o acesso às mesmas não é generalizado por motivos econômicos. É por aí que se entende, em primeiro lugar, uma das facetas da problemática inclusão/exclusão digital.

O **SINAL MAIS** da equação digital, o dos excluídos, reflete a desigualdade gritante na distribuição de serviços sociais. As tecnologias da informação, afinal são ferramentas ou meios voltados aos serviços sociais, para uso de homens e mulheres, para o trabalho e para o lazer: auxiliando, informando e divertindo. Nesse sentido, quanto mais pobre ou economicamente incapaz for a população, mais ela será excluída do melhor dos serviços sociais, incluindo aí os da tecnologia da informação. No caso brasileiro isto é flagrante se compararmos, por exemplo, com os países mais avançados no setor, como o Japão e a Finlândia.

AS DIFERENÇAS ou, no caso aqui compreendido, as variáveis são menores na telefonia celular, que já é mais do que uma simples ferramenta ou meio de comunicação verbal. Mesmo considerando a larga difusão deste serviço no Brasil, no entanto, ainda assim há distorções entre os que têm o melhor da tecnologia e os que não têm nada; entre populações com mais de um celular **per capita** e as que não possuem nem a metade disso. Os números estatísticos são bastante contraditórios e mostram ainda uma grande massa de excluídos.

CONSIDERANDO a tecnologia da computação fixa e móvel, o abismo entre incluídos e excluídos digitais no Brasil é muito maior. O número dos que possui computador pessoal não atinge 40% da população. O número dos que tem acesso à Internet na sua casa não atinge 30% da população, por causa do custo da linha telefônica. E o número do que tem acesso à banda larga em casa não chega a 20% da população. Estes números foram “arredondados” para ilustrar a idéia. São números de um país emergente e em desenvolvimento, com distribuição desigual de rendas e com um sistema educacional muito aquém do nível médio das nações desenvolvidas.

A **INVERSÃO** do **sinal mais** para o **menos** da equação digital no Brasil depende de uma melhor distribuição da riqueza nacional e da expansão dos serviços públicos na área de tecnologia da informação, para resgatar cidadanias. São poucos os serviços gratuitos de Internet banda larga e menos ainda a vontade política de proporcionar às populações mais exploradas e miseráveis o acesso livre à informação. Não há nem inserção nem valorização da cidadania nesses coletivos.

ESTE TEMA enfoca a equação inclusão/exclusão digital do ponto de vista das contradições econômicas e sociais da sociedade brasileira, ainda muito longe de inverter o **sinal mais** dos excluídos pelo **sinal menos** dos incluídos. O que há de bom é que, como tudo está em movimento, e que o Brasil é um país emergente no cenário mundial, a tendência é de melhorar.